

OPINIÃO

"Oito pilha é um real" e a força do roubo de carga no comércio ilegal

Carlos Guimar (*)

A cena do vendedor ambulante que entra no metrô para vender gadgets tecnológicos traz muitas situações à tona

Pode-se dizer da opção de trabalho de uma classe com menos oportunidades ou de pessoas economicamente menos abastadas, herdeiros de uma crise monetária assolada no País há pelo menos 4 anos. Essas são algumas conotações vista num primeiro momento.

Mas indo além dos olhos comum da população, o moço que vende "oito pilha a um real" é um filho passivo do roubo de carga, algumas vezes sem saber que faz parte de um esquema fraudulento. O comércio ilegal de produtos é um dos fatores ligados ao oceano de situações originadas pelo roubo de cargas, um crime que permanece sem controle nas principais regiões brasileiras.

Recentemente foi demonstrado em um conceituado fórum sobre o tema que o Rio de Janeiro, reconhecido pelo seu poder bélico, e São Paulo, onde há um caso de roubo de carga por hora, permanecem na liderança deste grave problema, que já afeta modais de todo o País. Alimentos refrigerados, eletroeletrônicos (olha os vendedores ambulantes aí) e bebidas estão no topo das cargas mais furtadas.

O problema é mais embaixo e traz duas constatações para motivar os índices periclitantes do roubo de carga no Brasil. A primeira está ligada ao ambiente sócio econômico. A população desempregada gera um forte mercado paralelo, que está associado à crise moral e ética pela qual o brasileiro passa. As feiras conhecidas como "robautos", os tais mercados a céu aberto, onde produtos roubados são expostos e vendidos, crescem dentro e fora das comunidades, expandindo para o comércio ilegal nos trens, metrô e ônibus.

A segunda constatação é a segurança pública, que é afetada com o total desinvestimento do Estado, com a falta de investigações e a de prisões dos receptores. Diante de olhos tapados das autoridades, o crime organizado se estrutura cada vez mais e as cargas roubadas viram uma parte importante da receita das facções.

Não perdendo nada para grandes holdings, a logística

dos interceptadores é uma aula de escoamento estratégico a parte. Caminhões são abordados em vias na entrada de comunidades e levados para pontos não alcançados pela polícia. É praticamente uma entrega expressa na porta de casa dos marginais, sem o menor esforço logístico. Para se TER ideia, no mercado bélico ilegal, as armas, e também as drogas, precisam de um esforço maior desde a compra, passando pelo transporte, chegando na estocagem até a venda.

Assim como em empresas, sob a máxima do tudo que é muito bem planejado alcança resultados super satisfatórios, no mercado de roubo de cargas não é diferente. Contas feitas por institutos especializados em segurança pública mostraram que os criminosos lucram com o roubo de cargas em um único dia, só no Rio de Janeiro mais de um milhão de reais, na qual esta mesma quantia seria arrecadada em mais de uma semana vendendo drogas.

É preciso tratar com urgência. As empresas e a população são impactadas demais pelo roubo de carga. Existe uma miopia do governo neste entendimento, que deixa de arrecadar milhões por mês devido a este crime. Atualmente, o que se tem como combate efetivo são ações no campo político, de intenções, capacitado por políticos diversos, por associações, dentre outras entidades que trafegam com cartas e ofícios de solicitações com macro ideias, porém sem prazos definidos. E só! Nada de concreto.

Neste cenário, resta ter a maturidade para entender, decidir, investir e realizar uma gestão de mudanças, demonstrar inteligência e visão. Resta a proatividade da iniciativa privada. Enquanto não vem, as empresas especializadas em segurança têm se tornado uma opção para as companhias que desejam mitigar o roubo de carga e todos os seus desdobramentos corporativos/sociais.

Seja no uso de tecnologias para gerenciar riscos ou em procedimento para analisar possíveis gargalos ligados à falha humana, o esforço das empresas já um grande passo no âmbito social para evitar a proliferação de mais filhos indiretos do roubo de carga.

(*) - É sócio-diretor da ICTS Security, consultoria e gerenciamento de operações em segurança, de origem israelense (www.ictssecurity.com.br).

UE aprova terapia contra tumor com células dos pacientes

O tratamento para o câncer chamado "Car-T", que prevê o "treinamento de células de defesa para torná-las mais agressivas contra tumores, chegou na Europa. A Comissão Europeia aprovou o uso do tisagenlecleucel, a primeira terapia baseada nessa técnica, para duas neoplasias. A luz verde, segundo comunicado da empresa farmacêutica Novartis, diz respeito à leucemia linfóide aguda (LLA) de células B em pacientes de até 25 anos de idade; e ao linfoma difuso de grandes células B (DLBCL) em adultos.

Em ambos os casos, a terapia será utilizada quando as doenças não responderem aos tratamentos tradicionais. A terapia "Car-T" consiste em retirar do paciente os linfócitos T, um tipo de célula do sistema imunológico, modificando-as para que reconheçam as células tumorais

como "inimigas" para atacá-las. A aprovação da Comissão Europeia chegou no fim de junho, depois do parecer positivo do Comitê para Produtos Médicos de Uso Humano (CHMP).

O tisagenlecleucel foi a primeira terapia celular Cart-T aprovada pela Food and Drug Administration (FDA), órgão que regulamenta medicamentos nos Estados Unidos. "A aprovação do tisagenlecleucel representa uma mudança para os pacientes europeus que têm necessidade de novas opções terapêuticas", afirmou Liz Barrett, CEO da Novartis Oncologia.

"Para os pacientes da UE, a disponibilidade de tisagenlecleucel representa um progresso sem precedentes do paradigma terapêutico", reforçou Peter Bader, do Hospital Universitário para Crianças e Adolescentes de Frankfurt, na Alemanha (ANSA).

"Hey Jude", símbolo da "beatlemania", completou 50 anos

"Hey Jude", a balada composta por Paul McCartney que foi cantrolada milhões de vezes e é considerada um símbolo da "beatlemania", completou no último domingo meio século como uma das melhores músicas de todos os tempos

Lucia Gallo/Agência EFE

Lançada no dia 26 de agosto de 1968 nos Estados Unidos e quatro dias depois no Reino Unido, a história desta canção de McCartney está intimamente ligada à vida pessoal de seu parceiro John Lennon.

Como o próprio McCartney confessou, a canção, cujo título original era "Hey Jules", foi composta para confortar Julian, filho de Lennon, após o divórcio dos seus pais. Foi em 1968 que McCartney, ao saber da separação de Lennon e Cynthia e da tristeza de Julian, pensou em uma música para o garoto enquanto dirigia seu carro. Desta forma, de repente, o tema base surgiu e mais tarde, quando já estava nos estúdios de gravação, o nome de "Jules" seria mudado por "Jude" por conta de seu ritmo e sonoridade.

"Eu já estava dirigindo há uma hora. Então desliguei o rádio e tentei compor uma melodia. Nesse momento, comecei a cantar: 'Hey Jules, don't make it bad. Take a sad song and make it better...' 'Tinha uma mensagem otimista e esperançosa para Julian: 'Vamos lá, rapaz, seus pais se divorciaram, eu sei que você não está feliz, mas você vai ficar bem'", contou certa vez o beatle. Quando McCartney mostrou a música para John Lennon, ele pensou, em parte, que era dedicado a ele e Yoko Ono, com quem estava começando um relacionamento.

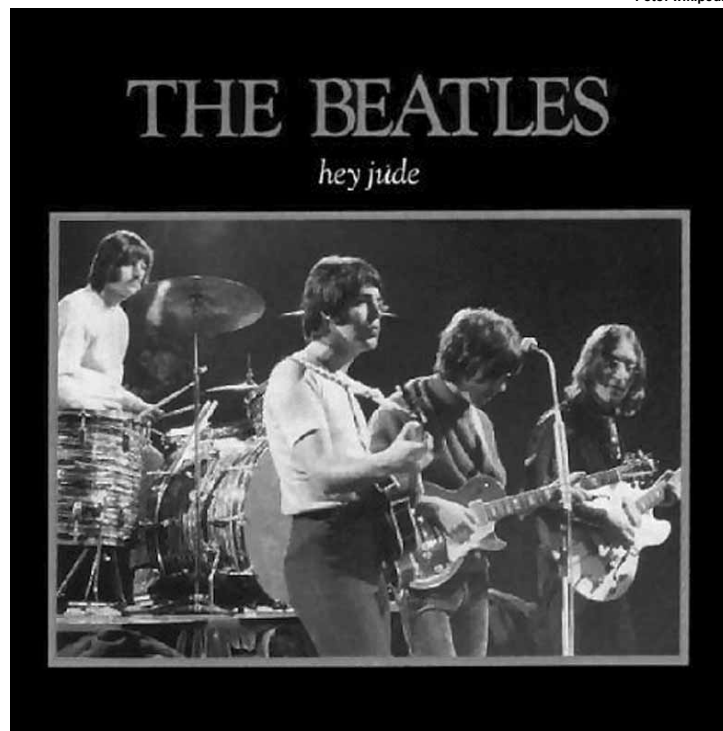


Foto: wikipedia

"É a melhor canção de Paul. Começou como um tema sobre meu filho Julian. Depois se transformou em 'Hey Jude'. Sempre pensei que era sobre mim e Yoko", declarou Lennon, em seu livro "All We Are Saying". A música não conquistou somente John Lennon, mas também os outros integrantes do grupo, George Harrison e Ringo Starr, que começou a gravar a canção no dia 29 de julho de 1968. No entanto, foi somente em 1987 que McCartney falou sobre a história de "Hey Jude" com seu protagonista: Julian Lennon.

"Ele me disse que estava pensando sobre minha situa-

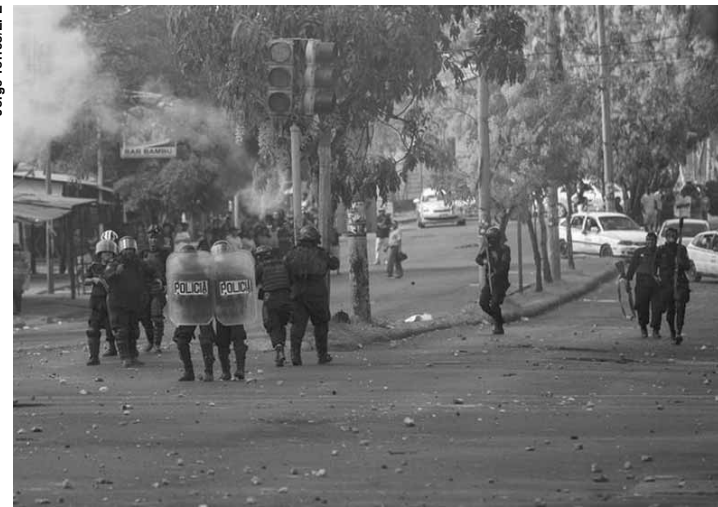
ção todos esses anos, sobre o que tive que passar. Paul e eu costumávamos passar bastante tempo juntos, inclusive mais do que eu passava com meu pai. Tínhamos uma boa amizade e, de fato, parece que há mais fotos minhas quando criança brincando com Paul do que com o meu pai", destacou Julian, em fevereiro de 2002, em entrevista para a revista britânica "Mojo Magazine".

Em 1996, o filho de John Lennon pagou cerca de 25 mil libras pelas notas de gravação de "Hey Jude" em um leilão e outras 35 mil libras por objetos que pertenciam ao seu pai. "Ele tem um par de fotos de seu pai,

Documentarista brasileira deve ser deportada da Nicarágua

Alvo de críticas internacionais por denúncias de repressão e violência, o governo da Nicarágua, do presidente Daniel Ortega, deteve a documentarista brasileira Emilia Mello. A expectativa é que ela seja expulsa do país, segundo Paulo Abrão, da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), na sua conta no Twitter.

Emilia foi presa no momento em que se preparava para filmar um protesto e levada ao Departamento de Migrações. O episódio ocorreu no sábado (25) e provocou reações entre entidades de defesa dos direitos humanos e da cultura. A Associação Nicaraguense de Cinematografia (Anci) condenou a ação e considerou o ato uma forma de censura. A Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), ligada à OEA, informou que 322 pessoas morreram em quatro meses de protestos contra o governo de Ortega, das quais 21 eram policiais e 23, crianças e adolescentes. A estudante brasileira de medicina Raynéia Gabrielle



Passa de 300 número de mortos em protestos na Nicarágua.

Lima foi morta a tiros no final de julho. As autoridades nicaraguenses negam perseguição política, assim como o uso da força e da violência. Os protestos na Nicarágua começaram no dia 18 de abril contra a reforma da Previdência, que acabou sendo revogada diante da pressão social. Mas as manifestações se intensificaram e houve repressão da polícia e de grupos paramilitares ligados ao governo.

Líder da Revolução Sandinista de 1979, que derrotou a

ditadura de Anastasio Somoza, Ortega está sendo acusado até por ex-aliados de querer instalar o autoritarismo semelhante ao que ele combateu. Ele foi reeleito em 2016, mas a votação, sem a presença de observadores internacionais, foi questionada pela oposição. Na sexta-feira (24), a CIDH alertou que os direitos humanos continuam sendo violados pelo governo nicaraguense, com "estigmatização e criminalização do protesto social" (ABR).

Piaggio iniciará produção da Vespa elétrica em setembro

O grupo italiano Piaggio dará início à produção da versão elétrica da scooter Vespa em setembro deste ano, na fábrica de Pontedera, a mesma onde, em 1946, nasceu a primeira edição da moto. As reservas online do novo modelo poderão ser feitas a partir de outubro, e o preço será semelhante ao da Vespa mais cara atualmente, na faixa de 10,7 mil euros (cerca de R\$ 51 mil pela cotação atual). A Vespa elétrica será inserida gradualmente no mercado a partir do fim de outubro, para alcançar completa comercialização em novembro, ao mesmo tempo em que acontece o Salão de Milão. A partir daí, o objetivo da Piaggio é levar a moto para outros países europeus e, em 2019, para Estados Unidos e Ásia. O modelo poderá, em um futuro próximo, adotar as soluções que estão sendo testadas

na Gita, robô fabricado em Boston, EUA, pela Piaggio Fast Forward (em produção a partir do ano que vem).

O sistema de inteligência artificial reconhecerá a presença de pessoas e veículos nas proximidades, contribuirá com a capacidade do motorista de antecipar potenciais riscos, avisará sobre o trânsito e oferecerá rotas alternativas, com mapeamento instantâneo. O reconhecimento automático, sem necessidade de chave ou de controle remoto, antecipará os hábitos dos condutores e interagirá com outros dispositivos e outros veículos em circulação. A marca Vespa vive hoje um dos momentos mais felizes de sua história, com mais de 1,5 milhão de exemplares vendidos nos últimos 10 anos. O primeiro semestre deste ano fechou com crescimento de 10% nas vendas em relação ao mesmo período de 2017 (ANSA).

<p>Empresas & Negócios</p>	<p>José Hamilton Mancuso (1936/2017)</p>	<p>Administração: Laurinda M. Lobato</p>	<p>Diretora Comercial: Lilian Mancuso (lilian@netjen.com.br)</p>
<p>Editorias Economia/Política: J. L. Lobato (lobato@netjen.com.br); Ciência/Tecnologia: Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); Laser/Cultura: Laura Lobato De Baptisti (lauralobato11.ll@gmail.com); Livros: Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br); TV: Tony Auaud (central-noticia@bol.com.br). Revisão: Sônia Souza.</p>		<p>Webmaster/IT: Ricardo Baboo; Editoração Eletrônica: Ricardo Souza e Walter Almeida. Impressão: LTJ Gráfica Ltda. Serviço informativo: Agências Estado, Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.</p> <p>Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.</p>	
<p>Colaboradores: Cicero Augusto, Eduardo Shinyashiki, Geraldo Nunes, Heródotto Barbeiro, J. B. Oliveira, Leslie Amendolara, Mario Enzo Belio Junior.</p>		<p>RIO DE JANEIRO: J.C. REPRESENTAÇÕES E PUBLICIDADES EIRELI Av. Rio Branco, 173 / 602 e 603 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20040-007 Tel. (21) 2262-7469 - CNPJ 30.868.129/0001-87</p>	